

CONCEITOS, POLÊMICAS E CONTROVÉRSIAS

Esta seção tem por objetivo focalizar conceitos e/ou fomentar polêmicas em assuntos gerais relacionados às áreas de ensino superior e/ou pesquisa e/ou extensão universitária.

A AVALIAÇÃO DE DISCIPLINA NA UNIVERSIDADE*

*Dinéia Hypolitto***

Resumo: O presente artigo aborda nossas experiências vividas no espaço universitário em relação à avaliação da disciplina Prática de Ensino / Estágio Supervisionado, no curso de Formação de Professores. Acreditamos que é possível ser um profissional crítico reflexivo; acreditamos também na importância da prática avaliativa reflexiva em sala de aula, com os nossos pares e alunos, para a construção da Universidade do século XXI.

Palavras-chaves: avaliação de disciplina, prática reflexiva, Prática de Ensino / estágio supervisionado.

Abstract: *This article presents our experiences at the university concerning the evaluation of our subject - Teaching Practice / Supervised Professional Training - in Teaching Training courses. We believe it is possible to be a critical and reflexive professional. We believe it is possible for a professional to be both reflexive and critical; we also believe in the importance of a reflexive evaluation practice in the classroom – involving our fellow professors and our students – for the building of the 21st century university.*

Key words: *subject evaluation, reflexive practice, teaching practice / supervised professional training.*

1 A EXPERIÊNCIA QUE VIVEMOS: UM DESAFIO...

O que transforma a realidade é a prática, porém a prática pensada, refletida, iluminada pela teoria. As teorias estão dentro de nós, impregnando nosso fazer e nosso pensar. Pensar é começar a mudar. Todo ser, porque é imperfeito, é passível de mudança, progresso, aperfeiçoamento. E isso só é possível a partir de uma reflexão sobre si mesmo e sobre suas ações. Foi assim que iniciamos a nossa *nova* etapa de trabalho no Curso de Licenciatura, por meio da disciplina Prática de Ensino/Estágio Supervisionado (1995), refletindo muito sobre a avaliação dessa disciplina.

Hoje, cinco anos, aproximadamente, depois de começarmos a trabalhar com a referida disciplina, podemos avaliar o nosso caminhar com mais firmeza e segurança do que quando iniciamos em 1995.

Aos poucos, começamos um trabalho de construção do conhecimento em sala de aula buscando, em todos os campos de investigação humana, respostas aos questionamentos trazidos da realidade, por meio do estágio supervisionado, questionamentos esses enriquecidos a partir das vivências e das trocas de experiências.

Todas as nossas discussões na universidade abriram espaço para que pudéssemos compartilhar as nossas

preocupações com os pares que, como nós, buscavam trabalhar no sentido de ir além dos métodos e das técnicas e a desejarem a teoria e a prática, ainda que muitos alunos preferissem *receitas prontas*.

O que colaborou enormemente para o nosso crescimento pessoal foi, sem dúvida, todo o embasamento teórico que tivemos no Curso de Especialização em Avaliação da Cátedra UNESCO de Educação a Distância (UNB-Brasília - 1997-1999), financiado e apoiado pela Pró-Reitoria de Graduação da USJT.

A experiência coletiva vivenciada nesse projeto, aliada à nossa prática atual, tem possibilitado o surgimento de um *novo* ensino, calcado na figura concreta do aluno, com suas possibilidades e conflitos e, juntos, estamos construindo melhores condições de ensino no sentido de poder intervir, de forma efetiva, na realidade que nos cerca.

A Prática de Ensino tem sido o ponto alto para as nossas reflexões. Essa prática tem acontecido na sala de aula, momento em que se busca socializar os conhecimentos, trazer à tona os dados pesquisados na prática dos professores das escolas do ensino fundamental e/ou médio para, a seguir, confrontá-los com a nossa própria prática e a nossa história de vida.

Tomando como ponto fundamental a necessidade de se articular ensino e pesquisa, o núcleo de nosso trabalho é o estágio supervisionado.

BURIOLLA nos diz que:

“O estágio é o ‘locus’ onde a identidade profissional do aluno é gerada, construída e

* Data de recebimento para publicação: 07/12/2000.

** Professora de Prática de Ensino e Coordenadora de Estágio Supervisionado do Curso de Formação de Professores da USJT; Mestre em Educação e Currículo pela PUC-SP; Supervisora aposentada da Secretaria da Educação – SP.

referida; volta-se para o desenvolvimento de uma ação vivenciada, reflexiva e crítica e, por isso, deve ser planejado gradativa e sistematicamente.” (1995: 13)

Nesta medida, desempenha um papel decisivo na formação do aluno, possibilitando-lhe a inserção na prática profissional.

O estágio no nosso curso tem sido trabalhado de formas variadas, tais como: aplicações teóricas em atividades práticas de projetos, regência, observação e participação.

Com relação à elaboração de projetos, temos trabalhado com propostas diferenciadas na construção de *Projetos Pedagógicos Coletivos*, compatíveis com a realidade, os quais contribuem para uma práxis coerente tão almejada para a formação profissional dos acadêmicos.

A observação, a regência e os relatórios anteriormente solicitados (elaborados como exigência burocrática) foram transformados em ricos momentos de pesquisa pois, a partir das reflexões teóricas enfocadas no curso, a proposição de instrumentos adequados para a coleta de dados e a intervenção do cotidiano escolar contribuirão para a formação de um professor pesquisador, um dos propósitos do curso de Formação de Professores.

O instrumento de coleta de dados mais usado no estágio é a observação. Procuramos orientar os alunos *o que e como* observar, levando-o a utilizar-se da observação como um instrumento de investigação científica.

As observações não se restringem à sala de aula; mas, o aluno deverá manter uma perspectiva de totalidade da escola, buscando espaço para o diálogo, participação e a troca de informações com a direção, funcionários, os professores, os próprios alunos e até mesmo com a comunidade.

O estágio serve de ponto de partida para o encontro que fazemos entre os dados trazidos pelos alunos, da realidade das escolas, e os conhecimentos teóricos transmitidos no curso como um todo. O retorno de estágio é, a nosso ver, o momento privilegiado do curso por ser um momento de construção do *saber* a partir do pensamento e da ação de cada aluno e de toda a classe; é ainda mais privilegiado por estarmos avaliando o desempenho dos professores do ensino fundamental e médio das nossas escolas públicas e particulares.

A problematização a partir das reflexões teóricas enfocadas no curso; a proposição de instrumentos adequados para a coleta de dados e a intervenção no cotidiano escolar contribuem para a formação de um profissional que possa incorporar à prática a dimensão da pesquisa.

Os alunos iniciam as observações, que devem ser sistemáticas e bem controladas; as formas de registro dos dados obtidos variam de aluno para o aluno; uns fazem anotações escritas, outros transcrições de gravações, filmes, fotografias, documentos e outros.

Nossos estagiários são atualmente vistos como elementos participantes e críticos, pois enquanto pesquisam a realidade do cotidiano escolar também estão levando para dentro da escola as teorias e discussões mais

atualizadas veiculadas pela universidade, estabelecendo assim a articulação entre as três modalidades de ensino (fundamental, médio e superior).

Ao final do ano letivo, cada aluno deverá entregar uma monografia, como trabalho de conclusão, para ser avaliado. O tema está relacionado ao problema pesquisado por cada aluno durante seu estágio e devidamente orientado pelo professor.

Avaliamos o processo continuamente ao longo do ano letivo, dentro de uma visão crítico-reflexiva, juntamente com nossos alunos.

Como afirma AMBROSETTI (1996), “é importante reconhecer que a prática dos docentes tem seu âmbito criador de conhecimento específico com base em sua atividade reflexiva”.

Outro grande desafio foi a construção dos Projetos Pedagógicos – construção coletiva – Universidade – escola – comunidade.

Entendemos que o *novo* educador já está aí, sendo preparado pela Licenciatura nas Universidades para ensinar na escola brasileira. E a *nova* escola só poderá nascer desta que já temos.

O nosso desafio está na necessidade de se superarem os problemas e se criarem recursos para a transformação. Isso se concretiza por meio da elaboração dos projetos.¹

Ao organizarmos, juntamente com nossos alunos os projetos, planejamos o que temos intenção de realizar, lançamo-nos para adiante..., então projetar é relacionar-se com o futuro e só há um único modo de fazer o futuro – no presente.

Vivenciamos, por meio dos projetos interdisciplinares², uma relação funcional entre teoria e prática, engajando nossos alunos numa atividade de estudo inovadora, introduzindo-os nos processos de investigação científica.

Coordenamos projetos que aliam atividade de ensino e extensão, como minicursos, em que alunos do Ensino Fundamental e Médio vêm à Universidade para participarem de seminários e de debates com nossos estagiários.

Esses projetos, às vezes, também fazem o caminho inverso, quando a Universidade vai à escola.

Nesse caso, os nossos alunos executam projetos para a comunidade, embasados teoricamente. Tais projetos permitem operacionalizar formas de trabalho conjunto, entre diferentes áreas, constituindo assim um espaço interdisciplinar e uma forma de reflexão conjunta capaz de dar sentido a atividades que, de outra forma, estariam fragmentadas.

¹ No novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (p. 153), encontramos a palavra **projeto** com a seguinte significação: “(do latim *projectu*, participio passado de *projicere*, lançar para diante); Plano, intento, desígnio, empreendimento, plano geral de edificação).”

² “Um projeto interdisciplinar de trabalho ou de ensino consegue captar a profundidade das relações conscientes entre pessoas e coisas. Nesse sentido, precisa ser um projeto que não oriente apenas para o produzir, mas que surja espontaneamente, no suceder diário da vida, de um ato de vontade... No projeto interdisciplinar não se ensina, nem se aprende: vive-se, exerce-se”. Ver Fazenda, Ivani Catarina Arantes. *Práticas interdisciplinares na escola*. São Paulo: Cortez, 1993.

Dessa maneira, o estágio se configura como um canal privilegiado de articulação entre ensino–extensão–pesquisa e também entre os diferentes graus de escolaridade, permitindo a construção coletiva de conhecimentos significativos e relevantes.

Os alunos estagiários avaliam-se durante o desenvolvimento do projeto e auto-avaliam-se. Os alunos das escolas participantes também avaliam os projetos apresentados pelos estagiários e auto-avaliam-se. Os professores coordenadores dos projetos acompanham o trabalho desde a fase de preparação até a apresentação dos projetos na Universidade ou para a comunidade, avaliando os alunos. Em decorrência dessas avaliações, o professor estará avaliando a sua disciplina de um modo mais crítico-reflexivo e construtivo. Todos são avaliados com naturalidade e sem *medo* ou insegurança.

Conclui-se daí que a ligação entre a avaliação de disciplina e a melhoria do ensino estão presentes nas evidências do programa de avaliação de disciplinas bem elaborado, planejado e bem executado; verifica-se a subsequente melhoria de desempenho do docente na sala de aula.

Por meio das avaliações de disciplina e da auto-avaliação dos alunos, o professor identifica até que ponto os objetivos foram ou não alcançados; verifica quais aspectos devem ser mantidos e/ou reestruturados. Enfim, a avaliação de disciplina do professor auxiliará a melhorar a qualidade do ensino e a torná-lo um profissional crítico-reflexivo.

Com os projetos que vimos desenvolvendo nossos alunos e professores estão engajados em um processo de avaliações continuadas, as quais têm o objetivo de ajudar a reconstruir o trabalho do professor no seu cotidiano escolar.

Segundo ZEICHNER (1993), quem não reflete sobre o que faz acomoda-se, repete erros e não se mostra profissional. Mantendo um *diálogo reflexivo*, aberto e sincero, consigo mesmo, a respeito do seu trabalho, o professor abre-se à auto-crítica e torna-se capaz de construir novos quadros de referência, adquirindo mais habilidade para enxergar e avaliar seus alunos.

2 O QUE CONHECEMOS: UMA POSSIBILIDADE...

Avaliando a experiência vivida ao longo desses cinco anos como um desafio, percebemos que o estágio tem proporcionado aos alunos a iniciação na pesquisa, pois em confronto com a realidade, passa a questionar, a dialogar, a interagir, a comunicar-se, a avaliar e auto-avaliar-se e a construir o seu conhecimento.

Queremos reafirmar, que muitas coisas nós conhecemos e que podemos nos arriscar a dizer, sem receios que:

- ✓ Por meio dos estágios podemos instrumentalizar os alunos, despertando-os para a pesquisa científica;
- ✓ É possível estimular a criatividade, o senso crítico e a perspicácia dos estagiandos, dando-lhes oportunidades de ações dinâmicas e proveitosas;

- ✓ Os alunos, bem orientados, poderão elaborar projetos de ação, minicursos e outras ações, para familiarizarem-se com os problemas do ensino, envolvendo-se no contexto;
- ✓ É possível e necessário tornar as atividades dos estágios mais dinâmicas e proveitosas, a partir dos próprios conhecimentos e das experiências dos próprios alunos;
- ✓ É importante insistirmos na conexão e na ligação entre teoria e prática, face à globalidade do conhecimento humano;
- ✓ Os alunos poderão complementar os conhecimentos defasados, a partir dos dados da realidade, construindo ou reconstruindo as bases teóricas, com seus professores;
- ✓ É possível, também, trabalhar com a comunidade, sob forma de extensão universitária, atendendo aos seus interesses;
- ✓ Há uma grande possibilidade de um trabalho interdisciplinar no interior da universidade, favorecendo o avanço dos estagiandos, na integração com a comunidade.
- ✓ É possível os alunos encararem a avaliação como um todo, visando a provocar a crítica reflexiva.

O nosso desafio valeu a pena; e ousar um pouco, com coragem e honestidade, tornou possível um compromisso sério com o processo de avaliação de disciplina na Universidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS: DAS POSSIBILIDADES PARA O DESAFIO...

Acreditamos que o grande desafio neste momento de passagem para o novo século, é criar espaços verdadeiros em que o perfil do *novo* professor ultrapasse o discurso, a retórica e provoque ações concretas e efetivas no redimensionamento do seu papel compatível com as exigências da modernidade.

As conexões refletidas no contexto educacional deverão preparar os indivíduos para viverem e produzirem na sociedade do conhecimento. Para que esta premissa seja válida, o docente precisa acreditar que os alunos são brilhantes e imaginativos, provocando uma nova forma de encará-los no processo pedagógico.

Um professor crítico-reflexivo mudará o eixo do excesso do conteúdo para contagiar seus alunos com novas idéias, projetos ousados e desafios relevantes na busca da construção do conhecimento.

Da universidade, espera-se que abandone sua visão conservadora, dogmática, cristalizada no tempo e no espaço, e retome um repensar da avaliação como um todo para ser a válvula impulsionadora do *aprender a aprender*, com a finalidade de buscar a produção de novos conhecimentos.

Com esta visão, o professor terá que saber ensinar educando, terá que saber fazer pesquisa e saber elaborar e

construir projetos de ensino com pesquisa, aliados à proposição de trabalhos coletivos, reflexivos e críticos.

Acreditar no potencial do aluno torna-se primordial para provocar caminhos de relação dialógica (professor-aluno, aluno-aluno) em que seja estimulada a consciência da cidadania, da reflexão crítica de si mesmo e do seu papel como ser que busca a transformação do mundo.

Do aluno espera-se um sujeito histórico que analise o contexto social. Nesta perspectiva, o aluno deve buscar organizações que propiciem a colaboração das diversas áreas do conhecimento e de reflexão partilhada das problemáticas enfrentadas na comunidade, procurando instrumentalizar-se com a competência para mudar as condições do mundo concreto e real em que vive.

Vemos as possibilidades, aqui refletidas, como embriões de propostas que abrem seus próprios caminhos, revolucionando e resgatando o espaço escolar para instrumentalizar as mais nobres finalidades da educação.

Embora tenha sido grande o nosso esforço, reconhecemos, contudo, que a nossa contribuição poderá ser apropriada por interessados na área para complementações investigativas ou ainda como impulso para renovação da própria experiência.

Este trabalho, foi nosso desafio; esta contribuição, a nossa possibilidade.

“...nada é fixo para aquele que alternadamente pensa e sonha...” BACHELARD (1991: 95)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMBROSETTI, Neusa B. *A prática competente na escola pública*. Tese de Doutorado. PUC-SP: São Paulo, 1996.
- BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. Trad. M. I. Raposo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- BURIOLLA, Marta A. Feiten. *O estágio supervisionado*. São Paulo: Cortez, 1995.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. (Org.) *Práticas interdisciplinares na escola*. São Paulo: Cortez, 1993.
- LAWRENCE, Janet H. Waltman & GATTI Bernadete A. *Avaliação de disciplinas*. Sousa, Eda C.B. Machado de (org.). Curso de Especialização em Avaliação à Distância Brasília: Universidade de Brasília, 1997, (V. 2).
- SAUL, Ana Maria. *Avaliação da Universidade: buscando uma alternativa democrática*. In: Estudos em Avaliação Educacional. Fundação Carlos Chagas: São Paulo, nº 1, p. 17-20, Jan-Jun, 1990.
- ZEICHNER, Kenneth M. *A formação reflexiva de professores: idéias e práticas*. Lisboa, EDUCA, 1993.

* * * * *